

ANÁLISE DO PEQUENO ESTABELECIMENTO RURAL NO RECÔNCAVO BAIANO: O ESCOAMENTO DA OLERICULTURA

Jean da Silva Santos¹
Catherine Prost²

Resumo

Trata-se de uma descrição e análise da questão das redes e dos dois circuitos econômicos a partir do pequeno estabelecimento rural no Recôncavo Baiano. Tem-se como referência o território da olericultura, o qual corresponde ao povoado do Tanque de Senzala, pertencente ao município de Santo Amaro – BA. O aspecto levantado nesse estudo é aquele da produção e do escoamento da olericultura promovida na agricultura familiar, mas precisamente pelo pequeno produtor rural, quando destacado em sua classe por abranger melhores condições de infra-estrutura, possibilitando a otimização dos aspectos produtivos e de distribuição. Para identificar tais agentes, foram aplicados 73 formulários como universo de pesquisa nos meses de outubro e novembro de 2008, nos quais inferiu-se os *inputs*, a entrada de insumos agrícolas, e *outputs*, a saída de mercadorias do território. Estes agentes se diferenciam dos demais por se lançarem no espaço baiano, “eliminando” a figura do atravessador com o objetivo de melhorar os seus lucros, fazendo assim o traçado das redes que ligam o território a alguns fixos pertencentes ao circuito superior e inferior da economia da Região Metropolitana de Salvador, e do interior do estado, a exemplo de Feira de Santana. Um aspecto conclusivo reside na importância da rede geográfica concreta, originada da comercialização, tendo como natureza o fluxo de pessoas e mercadorias. Sua dimensão temporal é a frequência periódica de velocidade lenta por causa de sua base rodoviária; sua dimensão espacial segue um modelo dentrítico em escala regional. Nessa senda as redes geográficas contribuem para a fluidez dos produtos originados no território da olericultura e representam a base concreta para a geração de emprego e renda para a classe dos produtores rurais.

Palavras-chaves – Redes, Circuitos Econômicos, Olericultura, Agricultura Familiar.

¹ Mestre em Geografia/UFBA, jeanssantos26@yahoo.com.br

² Professora e Coordenadora do Mestrado em Geografia/UFBA, cathprost@yahoo.com

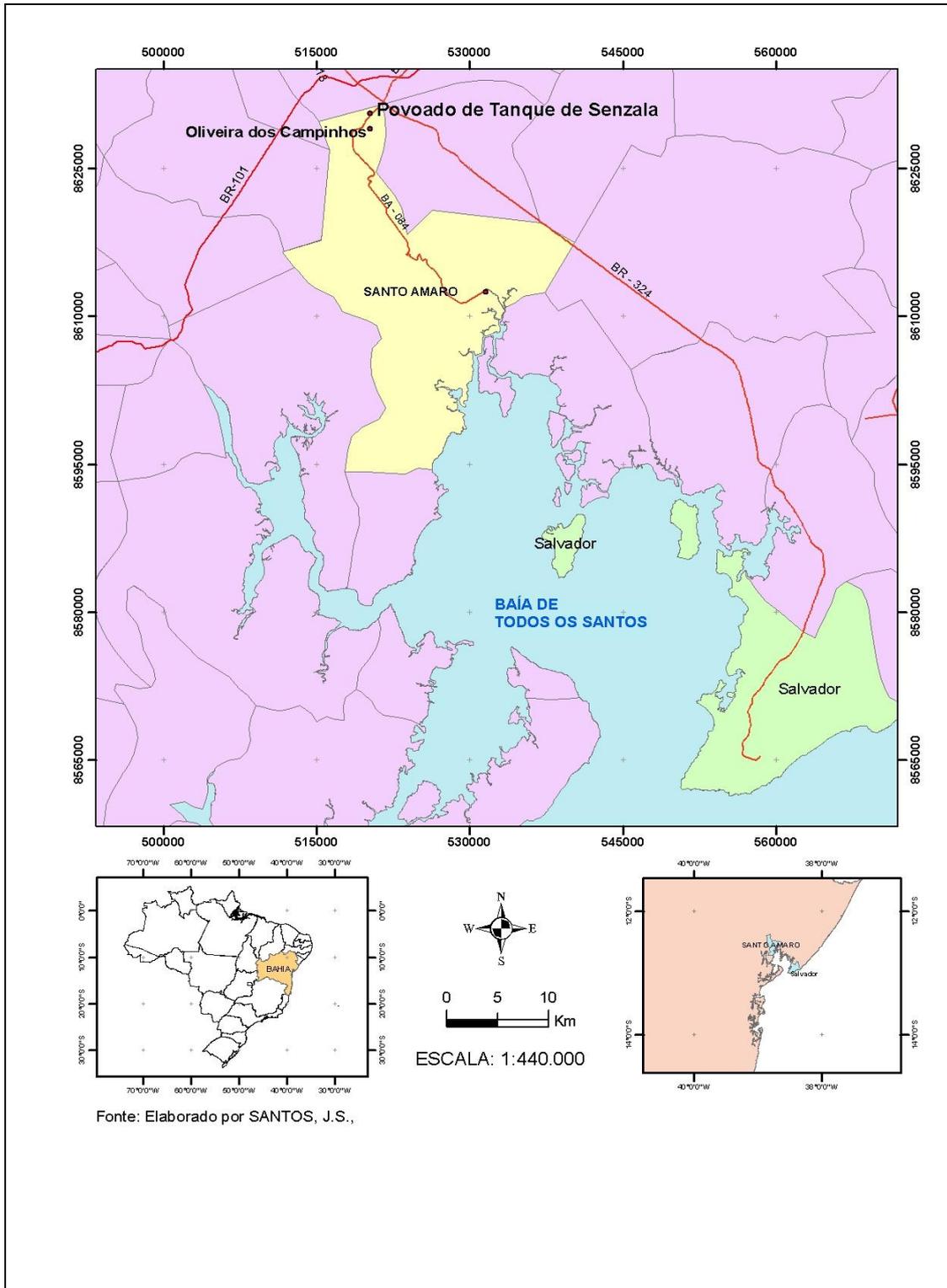
1. INTRODUÇÃO

Sendo um município componente da rede urbana do Recôncavo Baiano, Santo Amaro pode ser entendido como parte integrante de uma área estagnada economicamente segundo as discussões de Santos (1994) sobre espaços opacos e luminosos. Os primeiros são desprovidos de um desenvolvimento efetivo da economia espacial enquanto os segundos se caracterizam por adensamento das técnicas, áreas industriais especializadas ou mesmo espaços rurais com intensa reprodução do capital. Este município apresenta, como afirmado por Santos (1979), dois subsistemas econômicos: os circuitos superior e inferior da economia urbana. Ambos estão presentes tanto nas áreas urbanizadas quanto nas áreas rurais, pois a dicotomia entre o espaço urbano e o espaço rural apresenta limites geográficos cada vez mais tênues. Esse estreitamento é devido o avanço das técnicas e a modificação dos “[...] modos de vida e comportamentos socioculturais” (TEXEIRA; LAGES, 1997, p.15).

Neste estudo pretende-se demonstrar que, em um espaço sem uma economia industrial dinâmica, atividades ligadas a agricultura despontam como principal meio de sustento da família e até como fortalecimento econômico de um pequeno povoado nas suas interações espaciais. Cabe ressaltar a complexidade da ação do pequeno agricultor na gestão da unidade produtiva e nas suas relações com o atravessador para escoar a produção olerícula através de redes que são formadas.

1.2 OBJETIVO

Trata-se de uma descrição e análise da questão das redes e dos dois circuitos econômicos a partir do pequeno estabelecimento rural no Recôncavo Baiano. Tem-se como referência o território da olericultura, no povoado do Tanque de Senzala, Santo Amaro – BA. O aspecto levantado nesse estudo é o da produção e do escoamento da olericultura promovida na agricultura familiar, mas precisamente pelo pequeno produtor rural que, graças a melhores condições de infra-estrutura, pode otimizar os aspectos produtivos e de distribuição.



Localização do Povoado do Tanque de Senzala, Santo Amaro – BA.

2. AS REDES

Várias são as definições que permeiam a questão das redes. Os teóricos imprimem diferentes enfoques, que podem ser lidos sob variados aspectos. Carlos (1992) considera a rede urbana como a formação socioespacial de um ciclo de exploração; Porto (2003) destaca o aspecto da funcionalidade, argumentando que as ligações entre as cidades são as responsáveis pelo seu crescimento. Ainda na busca do entendimento, na concepção de Dollfus (1973), as redes compõem sistemas lineares e contínuos que permitem a circulação, instituem pontos-chaves entre os espaços e são também responsáveis pela organização desse mesmo espaço. Em uma reflexão sobre os países desenvolvidos, Rochefort (1998) defende que o responsável direto pela organização da rede urbana é o transporte, ao permitir o deslocamento da sociedade.

Todas essas definições permanecem com o seu devido valor nos dias atuais, visto que um ponto consensual é que a formação e a consolidação das redes contribuem para o processo de organização e transformação espacial, principalmente na dimensão socioeconômica. No presente trabalho entende-se que as redes são as responsáveis por redefinir a economia espacial ao possibilitar uma gama de interações entre o espaço rural do Recôncavo da Bahia e algumas cidades do interior e da Região Metropolitana. Elas expressam interesses e intenções comerciais de variados agentes sociais, dentre eles o pequeno produtor agrícola e o atravessador.

2.1. O TERRITÓRIO DA OLERICULTURA E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA

O que é notável aos olhos do observador é a produção agrícola especializada concentrada em certo ponto do município, capaz de configurar um território mediado pelos consensos em torno de um processo produtivo, sendo ainda o território um dos responsáveis por contribuir para a organização e manutenção dos “dois circuitos da economia” (SANTOS, 1979).

Na procura da definição destes dois circuitos econômicos, Santos (1979) afirma que:

O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos hoje são os monopólios. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão é interessado e mantém relações privilegiadas com sua região [...]. Cada circuito constitui, em si mesmo, um sistema, ou antes, um subsistema do sistema urbano [...] (SANTOS, 1979, p.16).

Assim, o povoado de Tanque de Senzala mantém relações através de seus agentes com vários fixos da capital e do interior da Bahia, os quais se moldam entre os dois circuitos econômicos. O próprio território da olericultura define-se por sua natureza socioeconômica e espacial a partir das características do circuito inferior, dentre as quais versam pelos capitais reduzidos, assalariamento não obrigatório, estoques em pequenas quantidades, com preços submetidos à discussão entre as partes interessadas (“pechincha”) e ajuda governamental nula ou quase nula. O circuito superior está representado pelos centros atacadistas/varejistas, dentre eles citam-se as redes de supermercados.

2.2 OS AGENTES

O pequeno produtor rural, em alguns casos, se transforma em distribuidor da própria mercadoria; em outros se transforma em intermediário no processo de escoamento da produção da olericultura por integrar à sua produção a de dois ou mais agricultores, com destino a variados lugares da Região Metropolitana do Salvador (RMS) e do interior da Bahia.

O intermediário, popularmente conhecido como “atravessador”, é responsável por fazer o elo entre os dois circuitos da economia, favorecendo a entrada de maior volume financeiro no território³. O atravessador adquire a mercadoria e frequentemente a transporta até os centros urbanos onde a vende. Ele dispõe para tal de meios de transporte adequados à função. O caminhão, junto ao motorista, assume uma importância singular para o intermediário, visto que é o responsável pelo processo de escoamento, cujo caráter diário é devido ao caráter perecível da mercadoria.

³ Define-se a área como território ao levar em consideração [...] uma fração desse espaço [espaço geográfico], na qual determinados agentes sociais se relacionam com o intuito de reproduzi-lo segundo seus próprios interesses (condição que manifesta o uso do território), mediante consensos estabelecidos tácita e/ou formalmente (BRITO, 2002, p.12).

O balaieiro é um tipo de intermediário, contudo, é o que mais encontra dificuldades cotidianas. Sem fornecedor nem comprador específico e sem as condições de crédito e de transporte adequadas, ele se encontra numa posição diametralmente oposta ao intermediário. Assim sendo, ele constitui um dos principais agentes, se não o legítimo representante do circuito inferior da economia no território analisado e vive num rodopio cotidiano de incerteza financeira, dentre outras adversidades enfrentadas.

Para a identificação dos agentes foram aplicados formulários em 73 dos 76 estabelecimentos rurais nos meses de outubro e novembro de 2008, nos quais inferiu-se os *inputs* (entrada de insumos agrícolas) e *outputs* (saída de mercadorias do território).

3. OS INPUTS TERRITORIAIS

Os estabelecimentos rurais do território olerícola podem ser classificados quanto ao tipo de escoamento produtivo nas seguintes situações: escoamento produtivo próprio e da mercadoria de terceiros, paralelamente ou não à presença do intermediário; e, aqueles em que o intermediário é o único responsável pela distribuição da mercadoria.

Diante destes três grupos de agentes pode-se, a partir de suas práticas cotidianas, identificar uma gama de redes. Elas podem ser expressas como forma de organização cuja configuração é construída por sociedade, grupos ou instituições; elas podem, ainda como afirma Dias (2005, p.15), ser objetivadas como matrizes técnicas. Neste trabalho, as redes são analisadas sob o enfoque de sua organização.

Os *inputs* da produção estão ligados essencialmente ao pequeno produtor. Eles são representados de forma abrangente pela energia que entra no sistema através de insumos agrícolas orgânicos:

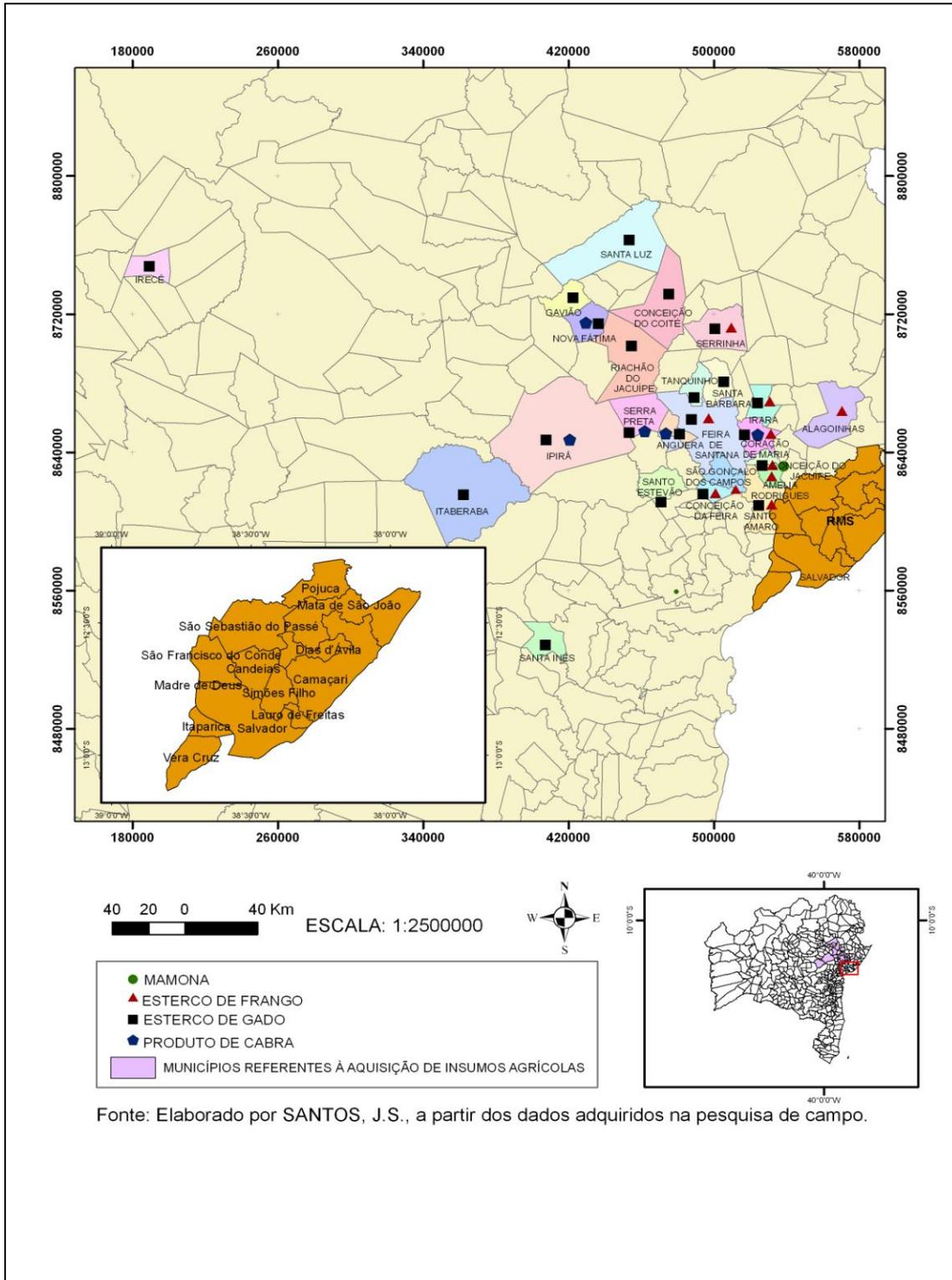
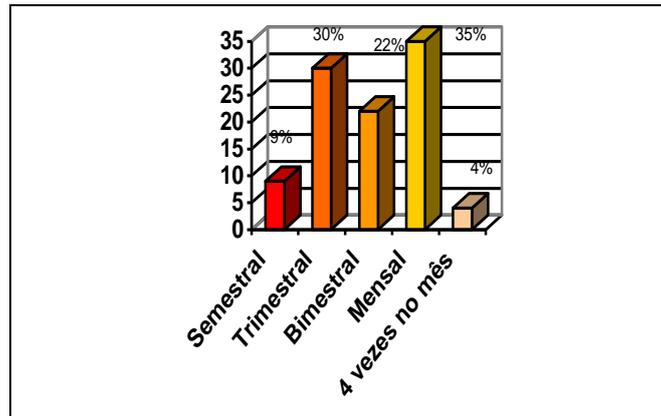


Figura 2 – Insumos orgânicos: municípios de origem



Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S., a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.

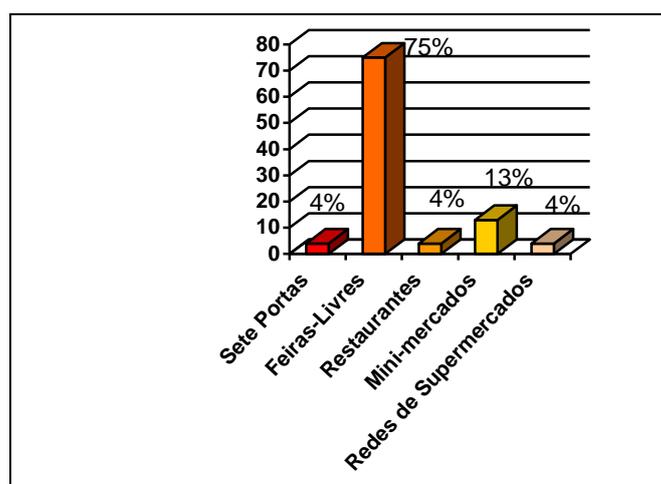
Figura 3 – Insumos orgânicos: frequência dos fluxos de entrega

4 OS *OUTPUTS* TERRITORIAIS

Os *outputs* permitem observar outra interação do território com demais espaços em escala regional, envolvendo os três grupos descritos anteriormente.

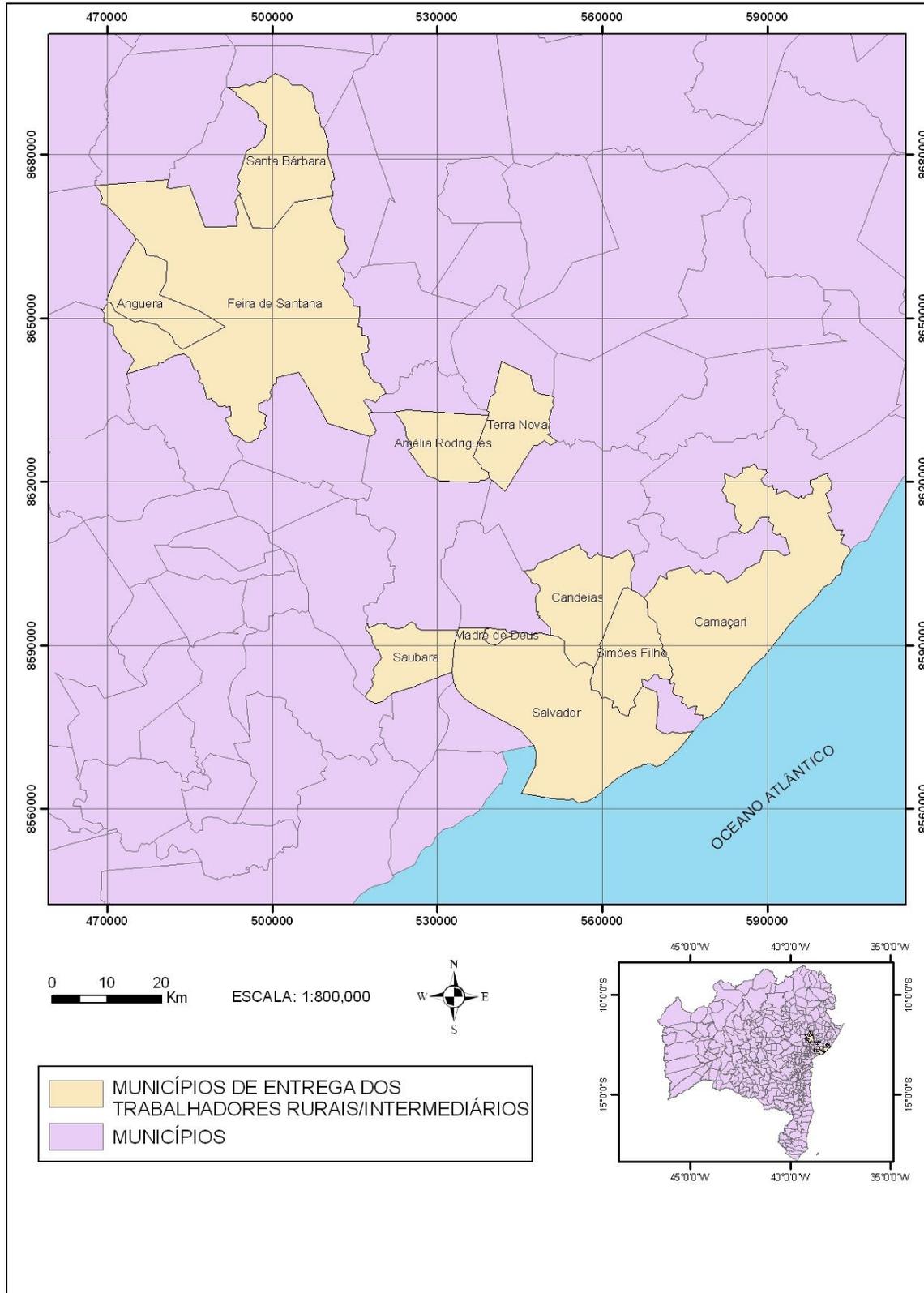
4.1 PEQUENO PRODUTOR RURAL

A entrega fixa fora do território da olericultura, quando feita pelo próprio produtor rural, se dá em espaços diferenciados:



Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S., a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.

Figura 4 – Pequeno produtor rural/intermediário: fixos de entregas de mercadorias



Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S., a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.
Figura 5 – Pequeno produtor rural/intermediário: mapa de escoamento da olericultura na Bahia

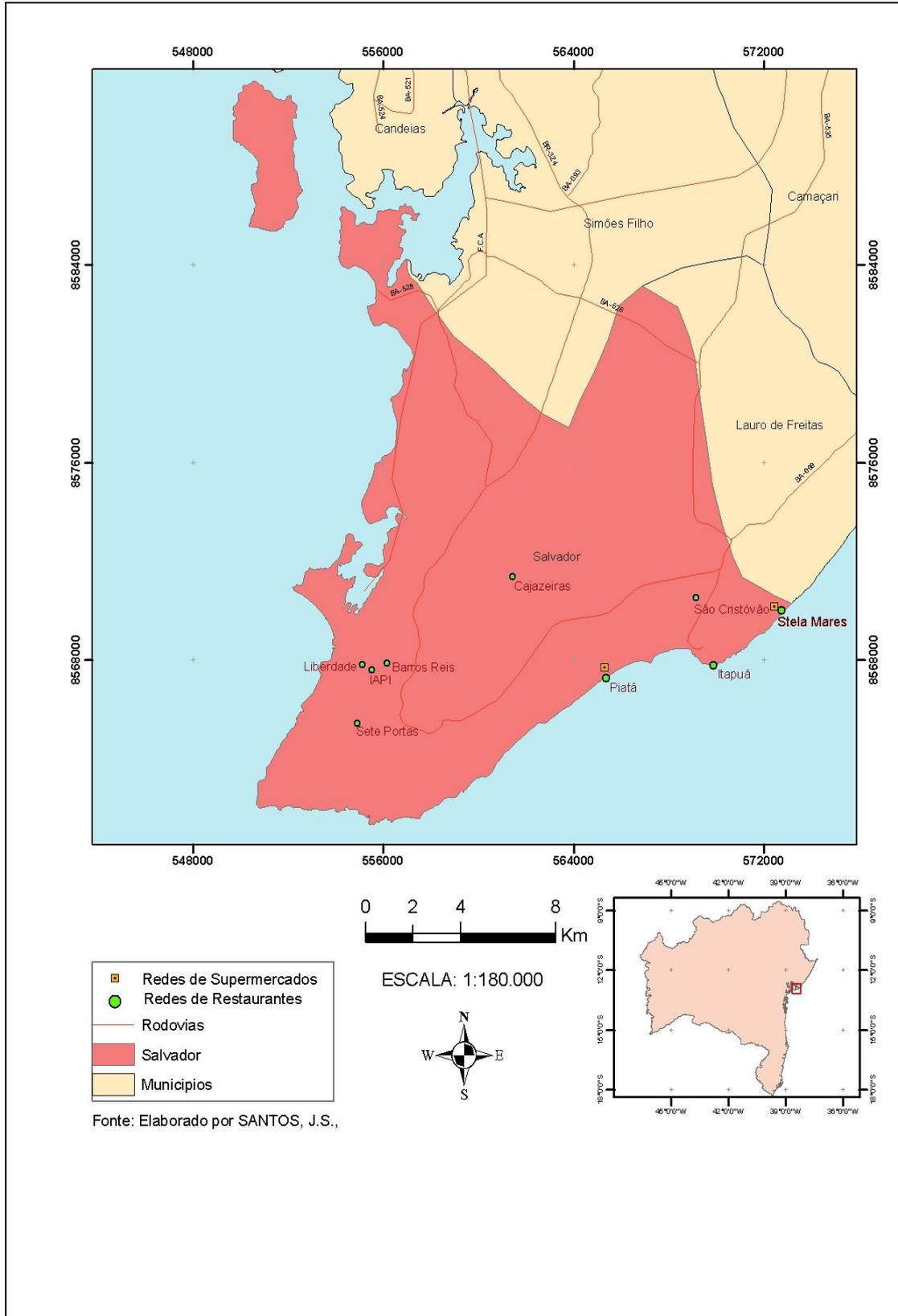
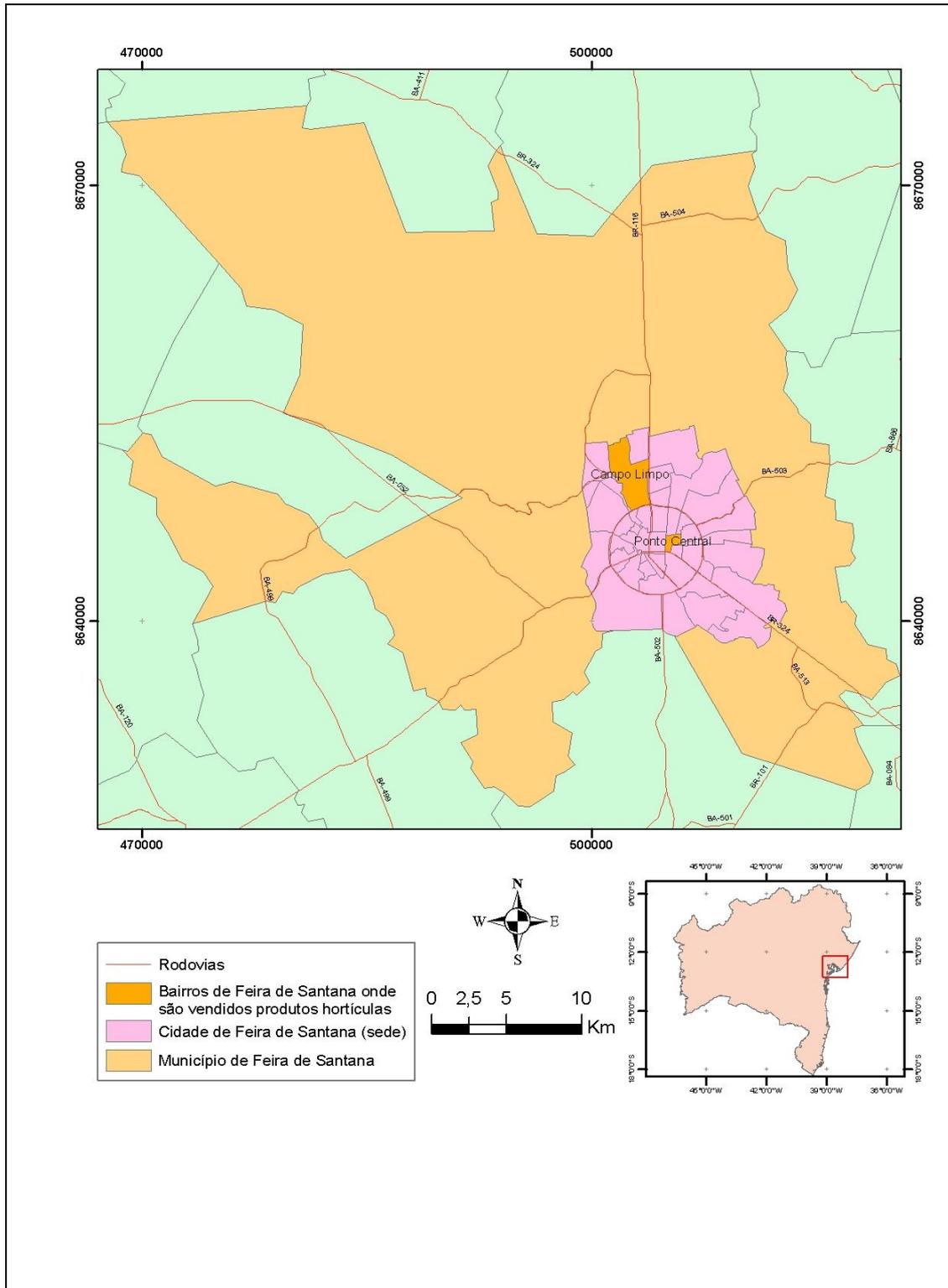


Figura 6 – Pequeno produtor rural/intermediário: mapa de escoamento da olericultura em Salvador



Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S., a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.

Figura 7 – Pequeno produtor rural/intermediário: mapa de escoamento da olericultura em Feira de Santana

Em Feira de Santana foi possível inferir os bairros onde há ocorrência de entregas e vendas nas feiras-livres. São eles os bairros do George Américo e do Ponto Central onde se localiza a feira-livre da Estação Nova. Nesse município foi possível verificar o fluxo do território em direção ao circuito inferior aos domingos (80%) e às sextas-feiras (10%).

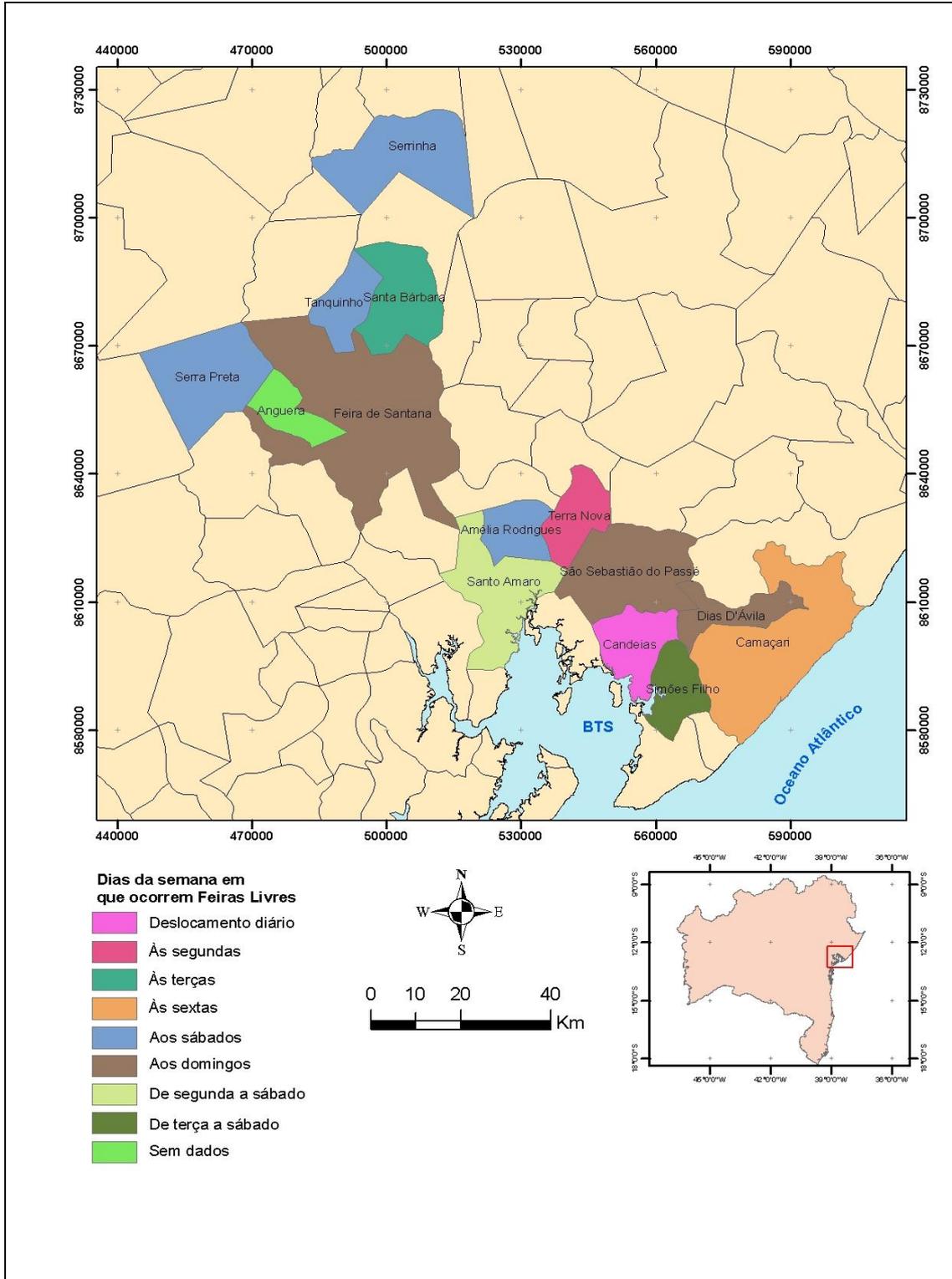
Tabela 01 - Pequeno produtor rural/ intermediário: frequência semanal do deslocamento na distribuição da própria produção em Salvador – BA

Quinta	Sexta	Sábado	Segunda	Terça
22%	22%	34%	11%	11%
Total Geral 100%				

Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S. a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.

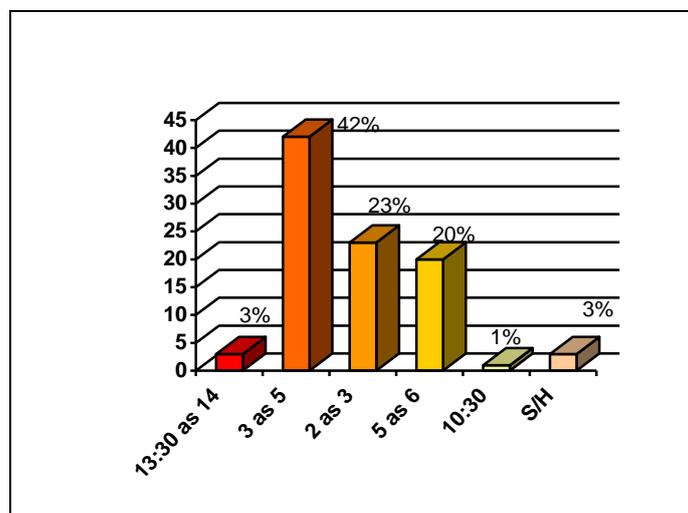
4.2. ATRAVESSADORES E BALAIEIROS

Vários são os destinos que tais agentes buscam para efetivar suas vendas. Estes destinos podem se confundir com os mesmos dos agentes intermediários. De maneira alguma se pode afirmar o mesmo sobre os circuitos da economia espacial visitados por cada tipo de agente, mas enquanto o balaieiro vincula-se ao subsistema inferior, o intermediário vincula-se ao subsistema superior da economia. Assim, o balaieiro pode até destinar-se pelo mesmo fluxo do intermediário, mas o seu eixo de deslocamento se modifica quando se leva em consideração os fixos em que serão feitas as entregas ou vendas das mercadorias, a exemplo da cidade de Feira de Santana. Enquanto os intermediários dirigem-se as redes de supermercados - como o grupo G. Barbosa, Hiper Bompreço, Atacadão, J. Santos, ou Mercantil Rodrigues -, os balaieiros se dirigem para as feiras-livres dos bairros George Américo e Ponto Central.



Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S., a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.

Figura 8 – Balaieiros: cidades visitadas para as feiras-livres



Fonte: Elaborado por SANTOS, J.S., a partir dos dados adquiridos na pesquisa de campo.

Figura 9 – Balaieiros: fluxos de deslocamento para a feira-livre

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se a diferenciação entre os pequenos produtores agrícolas. Enquanto muitos se dedicam exclusivamente à agricultura, alguns cuidam também do escoamento, “eliminando” a figura do atravessador com o objetivo de melhorar os lucros. Contribuem assim para o traçado das redes que ligam o território a alguns fixos da RMS e do interior baiano.

A rede geográfica concreta de comercialização tem uma dimensão temporal caracterizada por uma frequência periódica de velocidade lenta pelas lacunas de sua base rodoviária. Sua dimensão espacial não apresenta traçado simples, pois se caracteriza como um tipo de rede afluyente, que se confunde com a principal por causa da sua linearidade, sendo os atravessadores responsáveis pelo seu traçado. Ela se reveste de importância regional, configurada por um modelo dentrítico. Por conseqüência têm-se a articulação dos elementos do subsistema econômico inferior em escala regional através das redes, pelas quais circulam *inputs* e, gerando fluxos espaciais intensos. A dimensão espacial representa a base concreta para a geração de emprego e

renda para a classe dos produtores rurais em questão, a fim de que estes concebam os meios para a reprodução social da vida.

Assim, a análise das redes permitem inferir que o Tanque de Senzala, embora incrustado no espaço rural do Recôncavo aparentemente marginalizado, é parte integrante do sistema global de produção e distribuição de mercadorias, abarcando os dois circuitos da economia.

REFERÊNCIAS

- BRITO, C. C. T. Revisitando o conceito de território. **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, n. 6, p. 12-20, jul., 2002.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.
- DIAS, L. C. **Redes, sociedade e territórios**. (org.) Leila Dias e Rogério Leandro da Silveira. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2005.
- DOLFUSS, O. **A análise geográfica**. São Paulo: Difel, 1973.
- PORTO, E. **Desenvolvimento e território na Bahia**. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2003.
- ROCHEFORT, M. **Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano ea região**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, M. **O retorno do território**. In: _____; Souza, M. A. A. de; SILVEIRA, M.L (Orgs.) **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994, p. 15-20.
- SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- TEXEIRA, M. A., LAGES, V. N. Dossiê Reflexões sobre o Rural. **Rev. Geografia**. UNESP. São Paulo v.14, 1997.